



REDES DA CRIAÇÃO – CONSTRUÇÃO DA OBRA DE ARTE, DE CECÍLIA ALMEIDA SALLES

CAMINHOS, ESCOLHAS E ENCONTROS NO UNIVERSO DA OBRA EM PROCESSO.

Alana morais Abreu e Silva¹

RESUMO: Neste livro de proposta e avaliação, Cecília Salles defende a obra de arte como processo em construção, sem início nem fim e com características marcantes como simultaneidade de ações, dinamicidade, associações, transformações, que transcorrem à margem da memória, dos registros de percepção e da pluralidade individual, portanto relacionada ao conceito de rede. Defendendo a crítica de processo como um campo de pesquisa diferente da crítica genética, Salles tem como objeto de pesquisa anotações com linguagens verbais e visuais e destaca na construção da obra as relações.

Palavras – chaves: Rede, Processos, Registros.

ABSTRACT: In this book of proposal and evaluation, Cecilia Salles defends the world of art as process in construction, without beginning nor end, with strong characteristics such as concurrent of actions, (dinamicidade), associations, transformations, that occur to the edge of the memory, the perception's registers and the individual (pluridade), therefore related to the next concept. Defending it's process criticizes as a field of different researches of genetic criticizes, Salles has a research objects notations with verbal and visual languages, and detaches the relations in the construction of the workmanship.

Key- Works: Process, registers, rede

O entendimento do conceito de criação como rede em processo é o mote para Cecília Salles desenvolver um pensamento que define a eterna busca e labutar da classe artística, em especial. Sua intenção é mostrar que a criação não tem começo nem fim, ela é

¹ Mestranda em Cultura Visual na UFG/ Universidade Federal de Goiás Alana Morais, Artista Plástica, Mestranda em Cultura Visual na linha de pesquisa de Poéticas Visuais, Publicou artigo nos anais da ANPAP-2005, com o título: Relevos de cor inexistente. E em 2006, com o título: Produção e impressão: Um processo de Inclusão na gravura. Publicou resumo de artigo no Seminário Internacional dos Pesquisadores do Processo de Criação-Vitória, Es, em 2007, com o título: O imaterial na gravura. E texto completo no 8º seminário de Pesquisa da FAV(Faculdade de Artes Visuais) de Goiânia -2007, com o título: A voz da matéria quando se cria no nada. alanamorais@brturbo.com.br



um processo em eterna construção, inter-relacionado, onde a autora defende que não podemos avaliar um objeto artístico isoladamente porque ele tem referências no trajeto percorrido pelo artista. Por isso ela fala de crítica de processos em contrapartida com a crítica genética, que lança o olhar para manuscritos de trabalho dos escritores enquanto suporte material, espaço de inscrição e lugar de memória das obras *in statu nascendi*.

No livro muito bem ilustrado com vários exemplos dos diferentes segmentos da arte, observamos uma Cecília com um olhar de caleidoscópio, para o que ela afinal define como obra: Um processo.

Os documentos produzidos pelos artistas agregam-se a este olhar “como movimento do processo” – e a discussão é sustentada pelas pesquisas dedicadas ao acompanhamento desses percursos de criação, onde as descobertas feitas saem de dentro dos próprios processos registrados, e que, em se tratando de Artes plásticas, chamamos dos cadernos de artista. Cecília propõem que os instrumentos teóricos de respaldo sejam convocados de acordo com as necessidades, e que estes sejam organicamente inter-relacionados-Um desafio.

A idéia de olhar para um processo considerado plural – já que a crítica de processo aceita como composição da obra diferentes interferências, ou seja, o objeto existe a partir de uma rede inter-influenciada que o compôs através do artista - se apoiando em conceitos plurais, para olhar um objeto em andamento: a obra.

Diante deste desafio, Cecília destaca “características marcantes e repetidas dos processos de criação, tais como: simultaneidade de ações, ausência de hierarquia, não linearidade e intenso estabelecimento de nexos”, ao que acrescento a submissão (limitação) á tecnologia alcançada até o momento.

Assim como Fayga Ostrower percebeu, com sua visão poética da obra, que “as intenções se estruturam junto com a memória”(OSTROWER,1977.pg.18) Cecília acredita numa memória criadora como processo dinâmico que se modifica com o tempo. E esta mobilidade nos leva ao inacabado, como passível de modificação, tendo ainda um valor dinâmico na medida em que gera busca. O crítico de processo lida, portanto, com registros de percepções, sob a forma de lembranças. Diante desta afirmativa me pergunto em que ponto a criação no universo virtual se transforma em uma total falta de memória em relação ao computador, ou seja, se não há imaginação sem lembrança, estaríamos incapazes de imaginar uma realidade virtual desconectada do real?



Cecília Salles propõem, logo no primeiro capítulo, o entendimento de criação como rede. E na seqüência destaca, sem querer esgotar os mecanismos, algumas características que perpetuam nos vários trabalhos analisados.

A apreensão da obra como um sistema de rede de criação passa pela percepção da não linearidade. O conhecimento do objeto fechado, estático e isolado entra em crise por conta da idéia de interação, onde uma ação está ligada a outra e a noção de pensamento passa por associações. Estas interações provocam transformações.

A busca conceitual que Cecília percorre para nos levar a compreender a obra como um processo em rede transcorreu até aqui á beira de tudo que mais aflige o artista: inacabado, dinamicidade, não linearidade, associações e transformações. Como bálsamo, seguimos adiante e nos deparamos com Edgar Morin, posicionando o artista inevitavelmente na efervescência da cultura – o que não torna homogêneo o seu ponto de vista e a forma como apreende e dissolve as informações, afinal, ele tem a sua rede particular de conhecimento, o que torna a apreensão do conhecimento em algo individualizado.

O que Salles quer dizer é que o artista tem um modo individual de realizar uma coleta, uma busca de diferentes signos e objetos e reuni-los como fonte na criação. Este trabalho leva o artista a tomar decisões, fazer escolhas, que não são arbitrárias e sim dispersas e móveis, e estas escolhas apontam para a tendência do projeto artístico. E esta edição é uma característica contemporânea.

Como conseqüência destas escolhas o artista tem um novo desafio: A restrição de recursos. Salles destaca o pensamento da artista Louise Bourgeois sobre esta etapa da criação: “os novos materiais levaram às formas, ou foi o desejo por novas formas que levou a criação de novas soluções técnicas?” (SALLES, pg. 92)

No terceiro capítulo intitulado “Tramas do pensamento: Diálogos de linguagens”, Cecília demonstra como as linguagens verbais e visuais se complementam na documentação do processo. Destacando um escritor e um artista plástico, Salles transita pelos modos como os dois lançam mão das possibilidades das duas linguagens para organizar e registrar o processo de criação, e observa que o pensamento se dá sob a forma de diálogo.



Os estudos sobre o processo têm como recurso metodológico básico o estabelecimento de relações, onde o importante é compreender os movimentos do artista que o levam à obra.

No capítulo seguinte, "Tramas do pensamento: interações cognitivas", Salles se mostra preocupada em demonstrar que não pretende esgotar as possibilidades na construção de obras, por isso trata de associações como expansão, onde o artista parte de uma matriz geradora, promovendo uma interação entre as escolhas dos procedimentos e a definição daquilo que ele quer de sua obra, e estas associações se transformam em possibilidades. Ela observa que "(...) cada obra é uma possível concretização do grande projeto que direciona o artista. Se a questão da continuidade em rede for levada às últimas conseqüências, pode-se ver cada obra como um rascunho ou concretização parcial deste grande projeto." (SALLES, pg.127). Neste capítulo a autora trata ainda de mecanismos que provocam pausa no fluxo da continuidade, tais como a dúvida, o erro e os imprevistos.

No capítulo final "Desdobramentos e a crítica de Processo" Salles destaca pensadores contemporâneos como Morin, Canclini e André Parente e sua apreensão do indivíduo como complexo, e portanto a criação como um processo interligado. A autora destaca instâncias da arte para dialogar com o seu pensamento, tais como a arte conceitual, onde o projeto ganha status de obra. Mostra que obras percíveis tendem a valorizar seus documentos de processo, e ainda que é possível transformar em obra documentos de processo.

Enfim, o grande legado do livro é: Não se separa processo de obra. Frente a este pensamento, Cecília observa que "a obra não está só em cada uma das versões, mas também na relação que é estabelecida entre estas diferentes versões." (SALLES, pg.163)

A densidade destes pensamentos sugere, muitas vezes, a impossibilidade de abarcar, de compreender o processo de um único artista, porém aniquila a visão romântica da inspiração, do click, e localiza o artista como capaz de desvendar e transmitir subjetividades tramadas em redes particulares de percepção, onde a crítica de processo destaca principalmente as relações.

REFERÊNCIAS:



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.**Petrópolis RJ:Vozes,1977.166p.

SALLES,Cecília.**Redes da Criação:**Construção da obra de arte.São Paulo:ed. Horizonte,2006.172p.

Currículo:



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.



Travessias número 01

CARTA DE ACEITE

A Revista Travessias – Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, informa que o trabalho: **A MAGIA E A SUBJETIVIDADE NA POESIA E NO CINEMA. Um estudo comparando literatura e cinema, baseado no filme *Asas do Desejo* e no poema *Canção da Infância*.** Enviado por **Júlio Sato** foi aceito para publicação na edição número 01 de dezembro de 2007.

Dr. Acir Dias da Silva

Dra. Beatriz Helena Dal Molim

Editores



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

Cascavel, dezembro de 2007.